



**A RELAÇÃO EDUCADOR E BEBÊ: O QUANTO ISSO INFLUENCIA NO
MOVIMENTO LIVRE E DESENVOLVIMENTO SADIO DA CRIANÇA A PARTIR
DAS FUNDAMENTAÇÕES TEÓRICAS DE EMMI PIKLER E DAVID L.
GALLAHUE**

**THE EDUCATOR AND BABY RELATIONSHIP: HOW MUCH THIS INFLUENCES
THE
FREE MOVEMENT AND HEALTHY DEVELOPMENT OF THE CHILD A
STARTING FROM THE THEORETICAL FOUNDATIONS OF EMMI PIKLER AND
DAVID L. GALLAHUE**

Thauane Cristina de Sant' Anna Santos de Medina

Wanessa Diniz Santanna

Graduando (a) do Curso de licenciatura em Pedagogia do Centro Universitário São Jose.

Orientador

Titulação Acadêmica: Prof. Ma. Cátia Malachias Silva

RESUMO

O presente estudo aborda a relação educador e bebê e o quanto isso influencia no movimento livre e desenvolvimento sadio da criança a partir das fundamentações teóricas de Emmi Pikler e David L. Gallahue. Ademais, traçamos objetivos gerais e específicos que nortearam a nossa pesquisa, sendo eles: estudar e compreender os conceitos fundamentais da abordagem de Emmi Pikler, incluindo vínculo afetivo, cuidados e movimento livre e associar a abordagem pikleriana com os conceitos de David L. Gallahue sobre estabilidade, locomoção e manipulação, qual proporcionam ao bebê fatores fundamentais ao seu desenvolvimento. Ademais, os autores e pesquisadores citados, contribuíram na elaboração das obras e artigos

utilizados, como referencial para essa fundamentação. Quanto a metodologia utilizada, fizemos uma revisão bibliográfica desses teóricos que trazem uma base sólida para compreendermos como a relação educador e bebê influencia no desenvolvimento saudável da criança. Através do método qualitativo, por meio de uma análise aprofundada de livros e artigos e através do olhar sensível dentro deste campo de conhecimento, recolhendo dados importantes para fundamentação da pesquisa. Notamos a importância de uma relação segura e afetuosa no desenvolvimento de bebês de 0 a 2 anos. Diante disso, o brincar livre vai proporcionar a interação com o espaço, o meio em que vive e com o outro, sendo-as extremamente importantes para o desenvolvimento da criança. Portanto, concluímos em nossa pesquisa que a afetividade serve para sustentar as bases motoras, físicas e cognitivas do bebê, além de desenvolver segurança afetiva e autoestima, por meio de uma relação segura, recíproca e respeitosa entre adulto e bebê.

Palavras-chave: EMMI PIKLER, DAVID L. GALLAHUE, MOVIMENTO LIVRE E DESENVOLVIMENTO INFANTIL.

ABSTRACT

The present study addresses the relationship between educator and baby and how much this influences the child's free movement and healthy development based on the theoretical foundations of Emmi Pikler and David L. Gallahue. Furthermore, we outlined general and specific objectives that guided our research, namely: studying and understanding the fundamental concepts of Emmi Pikler's approach, including emotional bonding, care and free movement and associating the Piklerian approach with David L. Gallahue's concepts about stability, locomotion and manipulation, which provide the baby with fundamental factors for their development.

Furthermore, the authors and researchers cited contributed to the preparation of the works and articles used as a reference for this foundation. Regarding the methodology used, we carried out a bibliographical review of these theorists who provide a solid basis for understanding how the relationship between educator and baby influences the child's healthy development. Through the qualitative method, through an in-depth analysis of books and articles and through a sensitive look within this field of knowledge, collecting important data to support the research. We note the importance of a safe and affectionate relationship in the development of babies aged 0 to 2 years. Therefore, free play will provide interaction with the space, the environment in which they live and with others, which are extremely important for the child's development. Therefore, we concluded in our research that affection serves to support the baby's motor, physical and cognitive bases, in addition to developing emotional security and self-esteem, through a safe, reciprocal and respectful relationship between adult and baby.

Keywords: EMMI PIKLER, DAVID L. GALLAHUE, FREE MOVEMENT AND CHILD DEVELOPMENT.

INTRODUÇÃO

“O quanto uma relação segura e afetuosa entre educador e bebê pode influenciar em seu movimento livre e desenvolvimento sadio?” Está é uma pergunta que só poderá ser respondida através das fundamentações teóricas de Emmi Pikler (1902 - 1984) e David L. Gallahue (1943), que dedicaram suas vidas a entender como esses processos ocorrem. Emmi Pikler, nascida em 1902, em Viena, se formou em

Medicina pelo Hospital Infantil da Universidade de Viena, em 1927, e desde então, trabalhou como pediatra de família. Segundo Suzana Macedo Soares (2020), podemos dizer que Pikler revolucionou o modo de olhar e se relacionar com a infância e trouxe um novo conceito de autonomia para os bebês.

Logo após o fim da Segunda Guerra Mundial, Emmi Pikler fundou o instituto Lóczy, em Budapeste, a fim de abrigar crianças de 0 a 3 anos que haviam se tornado órfãs após o cenário da guerra, entretanto, a sua pesquisa não começou no instituto. Emmi Pikler tinha ideias revolucionárias para a época, então decidiu iniciar sua pesquisa com sua filha, Anna Tardos, em casa. Cuidando de sua filha com presença e afeto e proporcionando a ela um lugar seguro para que pudesse brincar e desenvolver-se livremente, Emmi Pikler pôde observar um crescimento e desenvolvimento sadio por parte de sua filha, e muito além disso, pôde começar a fundamentar sua pesquisa, onde acreditava que uma relação afetuosa e um espaço seguro poderiam promover autonomia para que o bebê pudesse se desenvolver sem interferência direta de um adulto em seus movimentos.

Emmi Pikler faleceu em 1984, aos 82 anos, deixando um grande legado: uma abordagem que tem revolucionado a educação dos bebês nos dias de hoje. Após seu falecimento, o instituto passou a ser conduzido por Judit Falk, uma de suas principais colaboradoras. Em 2006, a União Europeia determinou o processo de fechamento dos abrigos e o Instituto Lóczy, passou a ser um centro de educação infantil, que atendia crianças de 0 a 3 anos e 11 meses. Atualmente, o centro de educação infantil se transformou na Associação Pikler - Lóczy, um centro de estudos que fornece formações para profissionais que desejam se aprofundar na abordagem de Emmi Pikler. A associação é coordenada por Anna Tardos, psicóloga, mestre e doutora pela Universidade de Paris VIII, estudiosa da abordagem e filha de Emmi Pikler.

Outro teórico e estudioso que vai fundamentar esta pesquisa, chama-se David L. Gallahue, nascido em Niágara Falls, Nova York, no ano de 1943. Sua formação é em educação física pela Universidade de Purdue. Ao longo de sua vida, Gallahue dedicou seus estudos ao conceito de educação física desenvolvimentista. David L. Gallahue é professor de educação física da Universidade de Indiana, em Bloomington, nos Estados Unidos. Atualmente, pertence ao Comitê Olímpico Norte Americano e é consultor do Instituto Nacional de Aptidão Física e Esporte. Ademais, Gallahue é considerado um dos mais importantes pesquisadores na área da educação física,

sendo referência para os cursos de graduação no Brasil, Estados Unidos, Japão e China. Gallahue é autor de 11 livros, entre eles “Compreendendo o desenvolvimento motor - bebês, crianças, adolescentes e adultos”, que, inclusive, faz parte do nosso acervo para construção desta pesquisa. De acordo com GALLAHUE & OZMUN (2001, p. 641), “é o conhecimento das experiências motoras precoces da primeira infância que torna possível uma melhor compreensão do desenvolvimento que ocorre antes das crianças entrarem na escola.” Ou seja, o bebê quando nasce, precisa dominar primeiramente as três categorias primárias de desenvolvimento segundo Gallahue, que são: estabilidade, locomoção e manipulação. Ao longo desta pesquisa, iremos minuciar esses marcos de desenvolvimento do bebê e como uma relação segura e afetuosa pode auxiliar nesse processo.

O objetivo geral da pesquisa é analisar as teorias de Emmi Pikler e David L. Gallahue, a fim de buscar entender como a relação educador e bebê pode influenciar no movimento livre e na aquisição dos marcos do desenvolvimento do bebê (0 a 2 anos). No intuito de atingir o objetivo geral, definimos alguns objetivos específicos, como: estudar os principais conceitos nos quais se apoiam a abordagem de Emmi Pikler, que são: o vínculo afetivo seguro, as relações nutridas nos momentos de cuidado (alimentação, higiene e sono) e o movimento livre. Além disso, este trabalho deseja associar os conceitos da abordagem de Emmi Pikler com os conceitos de David L. Gallahue sobre o desenvolvimento dos bebês, sendo eles: estabilidade, locomoção e manipulação.

As autoras desta pesquisa vivenciam experiências diárias em seu ambiente de trabalho, acerca das fundamentações teóricas de Emmi Pikler e David L. Gallahue, portanto, neste contexto, considera-se importante a realização da mesma, uma vez que a BNCC (Base Nacional Comum Curricular), tem como um de seus objetivos a educação integral, isto é, uma educação que visa promover o desenvolvimento humano global, a partir da educação infantil. Também se acredita que esta pesquisa possa servir para auxiliar os acadêmicos da Pedagogia que visem trabalhar com os bebês de 0 a 2 anos.

O presente trabalho tem como metodologia a pesquisa bibliográfica, através do método qualitativo. Método este que utiliza de recolhimento de dados e uma análise cuidadosa dos artigos e livros. De acordo com Prodanov e Freitas (2013, p. 54), a

pesquisa bibliográfica coloca o pesquisador em ligação com toda a temática que está sendo analisada. Segundo Pizzani et al (2012, p.54):

Entende-se por pesquisa bibliográfica a revisão da literatura sobre as principais teorias que norteiam o trabalho científico. Essa revisão é o que chamamos de levantamento bibliográfico ou revisão bibliográfica, a qual pode ser realizada em livros, periódicos, artigo de jornais, sites da Internet entre outras fontes.

De modo que possamos ter uma base teórica segura e confiável, selecionamos 5 artigos científicos, encontrados no Google Acadêmico, que são eles: Avaliação do desenvolvimento motor infantil e sua associação com a vulnerabilidade social (2020), Revisão Integrativa da literatura: O brincar livre na educação infantil (2021), O brincar livre, na perspectiva de Emmi Pikler, para o desenvolvimento de crianças na educação infantil (2022), a Afetividade e desenvolvimento de bebês: um estudo bibliográfico sobre vínculos familiares e escolares (2022) e Educação de zero a três anos: contribuições de Emmi Pikler (2022), com intuito de estudar e analisar os dados recolhidos para construção desta revisão bibliográfica.

Ademais, fizemos a seleção de 3 obras bibliográficas a respeito da abordagem de Emmi Pikler, cujos nomes são, “Educar os três primeiros anos: a experiência Pikler-Lóczy (2017)”, por Judit Falk, “Vínculo, Movimento e autonomia: educação até 3 anos (2017)” e “As origens do brincar livre (2017)”, por Suzana Macedo Soares, a fim de entender os fundamentos que norteiam a abordagem pikleriana. Selecionamos, ainda, 2 obras a respeito do desenvolvimento motor humano, sendo elas: Desenvolvimento humano - experienciando o ciclo da vida (2010), escrita por Janet Belsky e Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos (2013), por David L. Gallahue, John Ozmun e Jacqueline D. Goodway. Diante dos artigos e livros escolhidos para esta pesquisa, buscando uma relação entre os temas estudados pelos teóricos, pudemos obter interpretações fundamentais e complementárias sobre a relação educador e bebê e o quanto isso influencia no movimento livre e desenvolvimento sadio da criança.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Por meio do livro “Educar os três primeiros anos – A experiência Pikler-Lóczy” escrito por Judit Falk (2021), uma das colaboradoras da abordagem pikleriana, compreendemos bases importantes para esta abordagem. Segundo Falk (2021), a experiência feita por Pikler-Lóczy promove um olhar sensível e detalhado ao bebê nos seus diferentes lugares de acolhimento e creches. Destaca-se a responsabilidade e o impacto que o profissional da primeira infância tem sobre o desenvolvimento da criança, além de deixar marcas no corpo, na psique, na saúde e na vida dela a curto, médio e longo prazo.

De acordo com Falk (2021, p. 26): “Pikler não acredita que o ser passivo se tornasse uma pessoa ativa pelo impulso do adulto; além disso, não acreditava que aquele tipo de intervenção pudesse acelerar o desenvolvimento do bebê”. Pikler acreditava fielmente que o bebê, caso não tivesse nenhuma doença biológica que o impedisse de fazer tal coisa, adquiriria o movimento de sentar-se sozinha, colocar-se de pé, caminhar e brincar, por si própria.

A autora também relata como as educadoras não se limitavam nos momentos de cuidados com as crianças. O brincar acontecia na sala ou ao ar livre, de maneira autônoma, sem a necessidade da intervenção de um adulto. As educadoras adotavam uma postura observadora, com um olhar atento sobre todas as tentativas que os bebês faziam para movimentar-se com liberdade.

Segundo Falk (2021, p. 52): “A observação do conteúdo da atividade da criança na vida diária, cujo motivador é a livre motricidade e o instrumento é a riqueza do ambiente, permite apreciar o nível global de seu desenvolvimento de uma maneira completamente nova. Essa apreciação intervirá na qualidade do movimento e da brincadeira, no interesse que a criança tem por seu próprio brincar.”

Deste modo, entendia-se que aquilo que o bebê sabe fazer é muito mais importante do que aquilo que ele ainda não sabe e isso sim, deveria ser destacado. Certos de que a qualidade nos processos do desenvolvimento no qual a criança estava inserida, era tão importante quanto o passar dos marcos do desenvolvimento.

Falk (2021) também descreveu uma pesquisa sobre a relação através da linguagem entre a educadora e as crianças do grupo. Ela descreve que, durante alguns anos, algumas crianças das instituições apresentaram comportamento

inadequado. Puderam perceber que, enquanto o educador dedicava-se a uma determinada criança, quando algo não ia bem no grupo, esse educador destoava a atenção da criança que não estava sendo cuidada. Com isso, alguns deles passaram a ter um comportamento indesejado para que os educadores o notassem. Para prevenir essa situação, Falk descreveu algumas situações as quais pudessem ajudar, como intervenção, nesses casos.

Falk (2021, p. 57 e 58): “que os educadores buscassem e percebessem, no próprio comportamento das crianças, em quais momentos elas desejam que as educadoras se voltem para elas e os sinais que as crianças utilizam para comunicar isso; que os educadores encontrassem, nas formas positivas dos comportamentos das crianças, um momento que despertasse seu interesse, um momento que pudessem destacar ou simplesmente falar.”

Falk, juntamente com o grupo de pesquisas, concluiu que era necessário que os educadores entendessem a importância dos diálogos ao longo do dia, muito mais do que dirigir sua atenção a esta criança somente quando estivesse tendo um comportamento negativo. Com isso, a criança seria capaz de compreender outras formas positivas de ter a atenção de seus educadores.

Para Emmi Pikler, o carinho e o cuidado atento nos primeiros anos de vida é responsável por estabelecer a segurança que vai construir as bases de autonomia da criança até a vida adulta. Portanto, entendemos com a autora que, quando mostramos um respeito profundo por aquilo que a criança faz, por aquilo que ela se interessa, todas as nossas ações se tornam cheias de respeito por aquela criança, tornando-a capaz de desenvolver segurança afetiva e autoestima.

No livro “As origens do brincar livre”, de acordo com Kálló e Balog (2017, p. 9): “A necessidade infantil de brincar nasce de uma necessidade fundamental. Tendo em conta cada etapa do desenvolvimento, a vida da criança consiste basicamente em brincar.”. Desse modo, não há como falarmos sobre o desenvolvimento infantil, sem considerarmos a importância do brincar livre dentro desse processo.

Kálló e Balog (2017) descrevem em sua obra maneiras típicas de manipulação e brinquedos apropriados durante o primeiro ano de vida do bebê. No instituto Pikler-Lóczy, os bebês só recebiam seu primeiro brinquedo por volta dos 4 meses, quando começassem a observar suas mãos. A repetição dos gestos com as mãos, o sentir, revela ao bebê uma extensão de quem ele é e traz encantamento. Pikler sugere que

o primeiro brinquedo dado a um bebê seja um pano leve e macio, de tamanho 30x30cm, sendo ele, vermelho com bolinhas brancas, para que o bebê o enxergue com facilidade. O pano deve ser deixado como um montinho, para facilitar a pegada e a visualização do bebê, que o encontrará, se virar a cabeça. Outros brinquedos que também podem ser oferecidos nessa idade são brinquedos leves que a criança possa segurar com as mãos. Assim, começa um movimento livre e brincar autônomo, por parte do bebê. Ao longo, outros objetivos de brincar podem ser inseridos na área do bebê.

Kálló e Balog (2017) vão dizer que, por volta dos 5 meses, o bebê vai começar a obter o brinquedo que tem vontade de explorar, através de uma movimentação com o corpo, que envolverá concentração e manipulação, tentando realizar movimentos mais certos para alcançá-los. A partir dos 6 meses, os bebês começam a desenvolver uma percepção sonora nos brinquedos, através do bater dos brinquedos no chão ou em outro brinquedo, como um chocalho, por exemplo. O ideal é que o adulto ofereça diferentes objetos de brincar, de diversos materiais, como: madeiras, plásticos e pelúcia. Assim, o bebê vai acumulando um conhecimento sobre os diversos sons que os objetos emitem.

A partir do segundo semestre de vida do bebê, eles começam a sentir um desejo de explorar objetos diferentes e se sentem motivados, ao saber que já possuem novas maneiras de se deslocar em direção a eles. Um objeto colocado a distância, traz curiosidade, logo uma pesquisa se inicia sobre como refinar as posturas e movimentos que precisará fazer para chegar até o objeto e explorá-lo, em todas as suas possibilidades.

Além disso, observações importantes sobre o espaço do brincar e sua organização são mencionadas nessa obra. O espaço ideal para um bebê que ainda brinca de barrigas para cima, é com uma cerca que o limite das crianças que já engatinham. Assim, não se distrairá com os movimentos ao seu entorno e se concentrará em suas pesquisas. Após começar a engatinhar, as cercas não são mais necessárias, muito pelo contrário, um espaço amplo, com chão firmes, como pisos e madeiras, é o ideal.

Deste modo, a criança vai expandido seus espaços de brincar pelo entorno. Um espaço de chão rígido, curiosamente, começa a falar para a criança sobre as leis da gravidade. No ponto de vista da autora, um chão de espuma, por exemplo, torna

mais difícil o movimento livre do bebê e o desenvolvimento da prudência ao movimentar-se e cair, pois o bebê afunda nele. (KÁLLÓ E BALOG, 2017).

Diante disto, destacamos que esse ambiente organizado deve ser preparado pelo educador. O educador que pensa, que planeja os espaços e que organiza. O educador que se relaciona com os bebês e os nutre emocionalmente nos momentos de cuidado, que conversa e escuta até mesmo os que ainda não falam e constrói uma relação afetuosa. Isso nos remete ao tema desta pesquisa, quando falamos sobre a relação educador-bebê. O educador com o papel de observador e facilitador e o bebê como protagonista de seu processo, que encontra no seu educador uma relação afetuosa e consistente, que o leva a confiar em si próprio.

Na obra Vínculo, movimento e autonomia, de Suzana Macedo Soares (2017), ela descreve algo interessante que Emmi Pikler ressalta sobre os bebês: os que conseguissem construir uma relação com o educador poderiam movimentar-se livremente por longos períodos, desenvolvendo iniciativa, autonomia, flexibilidade e alegria. Segundo Soares (2017), uma relação de confiança e segurança afetiva, proporcionaria a criança um desenvolvimento seguro. Dito de outro modo, uma relação afetuosa e a promoção do brincar livre, segundo Pikler, seria capaz de promover bem-estar físico, afetivo e psíquico aos bebês e eles conseguiriam se desenvolver saudavelmente.

De acordo com Soares (2017, p. 22): “Se consideramos o bebê, como um ser competente e com potencial para se relacionar desde o nascimento, e não um ser passivo, apto apenas para receber o que o oferece, é essencial estabelecermos com ele, desde o início de sua vida, uma relação de confiança e colaboração.”

Para que essa relação descrita por Soares fosse construída, era necessário que as atividades cotidianas de cuidados acontecessem de forma calma, coerentes e previsíveis para os bebês, assim como Pikler defendia. Mãos leves e falas calmas, comunicando ao bebê tudo que iria acontecer e dando-lhe o tempo de resposta. Ao pedir que o bebê colabore no momento da troca de roupas, erguendo os pés para colocar a calça, o educador está oferecendo a ele uma relação de reciprocidade. Ao mencionar sobre as partes do seu corpo, o educador o ajuda a entender o seu esquema corporal e a extensão de seu corpo. Com o passar do tempo, o bebê seria capaz de participar desses momentos de forma autônoma.

Nos momentos de cuidados essas relações também podem ser fortalecidas. No momento da alimentação, o educador não seria capaz de dar uma atenção individualizada a cada bebê, se os momentos das refeições fossem em grupos. Então, o ideal é que seja um momento único entre o educador e o bebê, para que o++ comer se torne um encontro prazeroso entre os dois. No momento do sono, Pikler defende que o educador não deve forçar a criança a dormir. É necessário respeitar o tempo de sono de cada bebê e trazer previsibilidade para esse momento, comunicando a ele o que vai acontecer dali em diante para uma preparação do sono. Assim, o bebê vai entendendo o que está acontecendo e começa a acalmar o seu corpo para esse momento. Nutrir o bebê emocionalmente ao longo do dia, vai ajudar na autoregularização do sono. (SOARES, 2017)

Ademais, há algumas contribuições da neurociência sobre a importância do movimento livre para o desenvolvimento dos bebês. Através das sinapses feitas pelos neurônios nos três primeiros anos de vida, o cérebro começa a modelar interações feitas pela motricidade, psique, aprendizagem e experiências afetivas, sendo determinantes para o desenvolvimento das potencialidades e competências do bebê. (SOARES, 2017).

O livro “Desenvolvimento Humano – experienciado os ciclos da vida”, da autora Janet Belsky (2010), nos trouxe uma visão sobre as relações de apego na infância, como o vínculo humano básico. A autora vai descrever o apego como a sensação de estar apaixonado, na qual, as pessoas se sentem seguras quando estão perto da pessoa alvo de sua paixão e ansiosas para encontrá-las novamente, quando separadas. As expressões no rosto dos pais e dos bebês, enquanto se olham fixamente, não deixam dúvidas para Belsky, que o apego na primeira infância é como o modelo de amor na idade adulta. (BELSKY, 2010)

Os marcos de desenvolvimento do apego segundo Bowlby, são mencionados pela autora e traz grandes reflexões. Belsky (2010), vai explicar sobre as fases denominadas: pré-apego, sorriso social, formação do apego, apego definido e ansiedade de separação. A autora também faz menção aos estilos de apego, que são eles: apego seguro, apego evitante, apego ansioso-ambivalente e apego desorganizado. Ademais, para a autora, o apego prediz as relações adultas, entretanto, embora um bebê seguramente apegado possa ser emocionalmente

estruturado, ao longo de sua infância e vida, traumas podem ocorrer deixando aquele bebê inseguro em suas relações.

A obra “Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos” (2013), por David L. Gallahue, John C. Ozmum & Jacqueline D. Goodway, nos traz conceitos importantes sobre movimento e os marcos de desenvolvimento dos bebês. Gallahue; Ozmum & Goodway (2013, p. 21) vão dizer que: “O desenvolvimento motor é a mudança contínua do comportamento motor ao longo do ciclo da vida, provocada pela interação entre as exigências da tarefa motora, a biologia do indivíduo e as condições do ambiente”. Diante disto, entendemos com os autores, que o movimento é essencial à vida, desde a vida intrauterina até a vida adulta. É de suma importância compreender as fases do desenvolvimento motor para alinhar e entender as fases do desenvolvimento humano às questões biológicas e ambientais.

Ao longo desta obra, encontramos descritos fatores pré-natais que afetam o desenvolvimento do bebê, tais como: má nutrição fetal e a má nutrição materna que, definitivamente, tem efeito prejudicial ao bebê. Assim, como o álcool que, durante muitos anos, foi consumido por gestantes, devido a uma ideia de que o feto não seria afetado pelo consumo desta droga. Entretanto, pesquisas confirmam que o álcool, ao entrar no sangue da mãe, passa diretamente para o feto através da placenta e, ao longo da gestação, pode causar problemas, como: danos ao sistema nervoso central, retardo mental e anormalidades faciais. Além disso, o tabagismo entre gestantes também é uma grande causa de crianças com baixo peso no nascimento e prematuros Gallahue; Ozmum & Goodway (2013).

Além disso, nesta obra, os autores descrevem os movimentos reflexos: os reflexos primitivos, que surgem durante a vida fetal e são considerados movimentos automáticos ligados a um estímulo externo, e os reflexos posturais, que são movimentos que vão manter o bebê em posição de equilíbrio do corpo durante um repouso, como por exemplo, o reflexo primário de marcha automática, que ocorre quando colocamos um bebê sobre uma superfície plana e ele “começa a andar”. Acerca disto, os autores vão dizer que, para os pais, isso é motivo de orgulho, pois não entendem que é apenas uma atividade motora involuntária. Entretanto, esse movimento, se feito em excesso, é considerado perigoso pois pode gerar estresse nos ossos e articulações dos bebês, uma vez que a criança não precisa ser estimulada,

precocemente, a fazer algo, que pode fazer por ela mesma, no tempo certo. (GALLAHUE; OZMUN & GOODWAY, 2013)

Ademais, os autores vão destacar três habilidades motoras do bebê, que serão essenciais ao seu desenvolvimento.

Segundo Gallahue, Ozmun & Goodway (2013, p. 159): “Em primeiro lugar, o bebê tem de estabelecer e manter a relação entre o corpo e a força da gravidade para alcançar uma postura ereta quando sentado e de pé (estabilidade). Em segundo lugar, a criança tem de desenvolver capacidades básicas para se movimentar pelo ambiente (locomoção). Em terceiro, o bebê tem de desenvolver capacidades rudimentares de alcançar, pegar e soltar para fazer contato significativo com objetos (manipulação).”

De acordo com os autores, esses marcos são essenciais à sobrevivência do bebê e sua interação com o mundo.

A seguir, apresentamos um quadro teórico, contendo informações sobre os 5 artigos escolhidos para o tema a ser pesquisado. Artigos esses que foram escolhidos devido às relações com o tema da pesquisa e que trazem informações coerentes, necessárias e relevantes para esta revisão bibliográfica.

QUADRO TEÓRICO

TÍTULO	AUTORES/ ANO	OBJETIVO GERAL	METODOLOGIA	CONCLUSÃO
O brincar livre, na perspectiva de Emile Pikler, para o desenvolvimento de crianças na educação infantil	Cunha, Aline Vasconcelos da Santana, Fernando Souza Brito, Rodrigo Gonçalves/ 2022	Compreender as implicações do brincar livre, na perspectiva de Emmi Pikler, para o desenvolvimento de crianças no contexto da educação infantil.	Foi utilizada como proposta metodológica a pesquisa bibliográfica, priorizando-se discussões relacionadas à abordagem em que a criança é colocada no	O brincar livre, na perspectiva de Emmi Pikler, é importante para o desenvolvimento das crianças na educação infantil, pois as estimulam de modo a

			centro do seu processo de aprendizagem.	potencializar o aspecto motor, social e cognitivo
Afetividade e desenvolvimento de bebês: um estudo bibliográfico sobre vínculos familiares e escolares	Silva, Maíra Teixeira da/ 2022	Analisar de que forma a afetividade contribui para o desenvolvimento integral de bebês em contextos importantes de desenvolvimento como a família e a escola, evidenciando a relevância da dimensão afetiva na formação de professores (as) que atuam na referida etapa.	Realizou-se uma pesquisa bibliográfica utilizando as bases de dados Google Acadêmico, Periódicos CAPES e Scientific Eletronic Library Online (SCIELO), através dos descritores: “Desenvolvimento Infantil e Vínculo Afetivo”; “Bebê”, “Afetividade e Educação Infantil”.	A análise dessas produções acadêmicas evidenciou que as relações afetivas positivas favorecem os processos de desenvolvimento e aprendizagens na infância. Sendo assim, a docência com bebês deve envolver a construção de laços afetivos entre a educadora e esses pequeninos sujeitos.
REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA: O	Marco Aurélio Gonçalves Nóbrega	Esta pesquisa visa analisar a produção de conhecimento	Adotou-se uma metodologia que proporciona a síntese do	O brincar é uma atividade dinâmica e subjetiva, uma

BRINCAR LIVRE NA EDUCAÇÃO INFANTIL	dos Santos, Elisabeth Ângela Mamede Correa/ 2021	acerca do tema “Brincar Livre” na educação infantil dentro das instituições escolares.	conhecimento e resultados de estudos significativos na prática sobre as evidências científicas, sobre o brincar livre no ensino infantil nas instituições escolares. Assim, este estudo investiga e apresenta as evidências científicas que possam direcionar os professores de ensino infantil na prática docente e pedagógica.	ferramenta para a aprendizagem em contexto sociocultural que acontece naturalmente, em um processo de relações interindividuais, onde se deve levar em consideração os diferentes sujeitos envolvidos, as diferentes gerações e os fatores externos (social e cultural).
Educação de zero a três anos: contribuições de Emmi Pikler	Malko, Thalita, Rodrigues, Yara/ 2022	Apresentar algumas reflexões sobre a educação e o cuidado de bebês e de crianças bem pequenas que frequentam a creche, ancorando-se	Optou-se pela revisão crítica da literatura. Foram consultadas obras da autora e de seus intérpretes e colaboradores.	Para que isso se concretize na prática profissional dos(as) docentes, é importante que o(a) profissional que trabalha com os bebês e as crianças

		<p>nos estudos e no trabalho realizado pelo Instituto Emmi Pikler, em Budapest, na Hungria.</p>		<p>bem pequenas tenha clareza a respeito de quais situações educativas são caracterizadas como propostas mais coletivas e quais propostas de interação são mais individualizada com cada bebê e criança bem pequena. É importante que o(a) profissional respeite a individualidade de cada bebê, que, em seus planejamentos, as necessidades de cada criança sejam consideradas, uma vez que os processos de desenvolvimento e de aprendizagem</p>
--	--	---	--	--

				diferem de criança para criança.
Avaliação do desenvolvimento motor infantil e sua associação com a vulnerabilidade social	Daiane Alves Delgado, Rita Cassiana Michelin, Laís Rodrigues Gerzson, Carla Skilhan de Almeida, Maria da Graça Alexandre/ 2020	O objetivo deste estudo foi avaliar o desenvolvimento motor de crianças de 4 a 17 meses e investigar sua associação com fatores de risco sociodemográficos. Estudo transversal, descritivo, composto por crianças de 4 a 17 meses, provenientes da unidade de internação pediátrica de um hospital público de Porto Alegre (RS), clinicamente estáveis e com	Estudo transversal, descritivo, com amostra não probabilística por conveniência, de modo que participaram da pesquisa todos os sujeitos cujos pais se dispuseram a responder os questionários, desde que preenchessem os critérios de inclusão. Os dados foram coletados entre os meses de julho e dezembro de 2017, sendo a amostra constituída pelos pacientes hospitalizados	O estudo identificou fatores sociais como vacinas atrasadas, a convivência com tabagistas em casa e o recebimento de benefício socioeconômico como fatores de risco ao desenvolvimento motor de crianças de 4 a 17 meses. Os resultados demonstram a importância da atuação fisioterapêutica não apenas no âmbito hospitalar, mas também na atenção primária e secundária,

		alta breve prevista.	na unidade de internação pediátrica do Hospital Materno Infantil Presidente Vargas (HMIPV), em Porto Alegre (RS).	serviços que estão mais próximos das famílias e onde estas são assistidas com mais frequência.
--	--	----------------------	---	--

DESENVOLVIMENTO

CONTRIBUIÇÕES DE EMMI PIKLER SOBRE O MOVIMENTO LIVRE

Anteriormente existia um grande pensamento comum sobre os bebês: eles são seres incapazes e inoperantes no que tange a autonomia. Um bebê jamais poderia dormir livremente em seu berço, era necessário que ficasse enrolado em suas mantinhas e travesseiros, para que não houvesse qualquer risco de movimento livre que pudesse levá-lo a estar em perigo. Um bebê deitado no chão, tendo a possibilidade de rolar, brincar e tentar rastejar-se era impensável. Nos primeiros meses de vida, o local ideal para criança era no colo ou nos berços e carrinhos, de maneira bem confortável.

Quando completava os 6 meses, o bebê já poderia ser colocado sentado em sofás ou cadeiras, com travesseiros atrás, que pudessem sustentar seu corpo e sua cabeça. Não importava muito se o bebê conseguiria sair daquela posição sozinho ou se, talvez, pudesse cair para frente, eles simplesmente eram colocados naquela posição e quando fosse da vontade do adulto, eram retirados.

Por volta dos 9 – 11 meses, o pensamento comum era: vamos colocá-lo em um andador. O bebê precisava aprender a andar, então colocavam-no em cima de um brinquedo com rodas e assim, o bebê poderia andar “livremente”. Na maioria das famílias, não se levantava nenhuma hipótese sobre um movimento livre e seguro para

criança. Os adultos eram os responsáveis por estimular os bebês e ensiná-los cada etapa de seu desenvolvimento.

Durante muito tempo, foi algo difícil de se aceitar pela sociedade, tanto que, até hoje, pode-se encontrar pais superprotetores, que não conseguem deixar os filhos movimentarem-se livremente.

Figura 1



Figura 2



Fonte: Escola Tecer, grupo Casulo, 2023.

Fonte: Escola Tecer, grupo Casulo, 2023.

Nas figuras 1 e 2, vemos 2 bebês, entre 1 ano e 1 mês e 1 ano e 4 meses, movimentando-se livremente em um local que, para muitos, poderia ser considerado perigoso, entretanto, existe uma grande diferença entre correr riscos e correr perigo. É natural correr riscos, todos podemos fazê-lo ao realizar uma ação, porém Pikler defendia que o adulto deve ter um olhar atento sobre aquilo que a criança tem o desejo de fazer e estar junto, observando suas expressões faciais e a linguagem do seu corpo para que, se necessário, oferecer ajuda a criança e não deixar que ela faça algo que ela ainda não se sente segura para fazer. (SOARES, 2017)

Segundo Malko e Rodrigues (2022, p. 18): “Importante destacar que todos os bebês usam suas habilidades motoras não só para se mover,

para pegar os objetos ou para expressar suas emoções, mas, fundamentalmente, para aprender sobre eles mesmos e sobre o mundo que os cerca.”

Segundo Falk (2021), no contexto de pós segunda guerra mundial, Emmi Pikler observou algo interessante. As crianças que viviam nos bairros operários, movimentando-se e brincando livremente, se machucavam menos do que as crianças dos bairros nobres. Essas crianças movimentavam-se com cuidado e destreza, subiam e desciam de árvores com facilidade, demonstravam ter domínio de seus movimentos, como alguém que aprendeu a fazer algo sozinho e tivesse se especializado naquilo. Já as crianças dos bairros nobres, suas brincadeiras deveriam ser “comportadas” e nada de se aventurar. Com isso, quando o seu eu natural vinha à tona e aquelas crianças tinham a oportunidade de se arriscarem em alguma brincadeira, elas se machucavam. Havia uma superproteção por parte das famílias e um grande prejuízo na infância daquelas crianças.

Pikler defendia fielmente a ideia de que as crianças deveriam movimentar-se livremente e sozinhas, sem interferência do adulto. Essa aquisição dos movimentos é algo inato, eles só precisavam dessa liberdade de movimentos e de um espaço seguro. O movimento livre, de acordo com a abordagem de Emmi Pikler, só evidencia que o bebê que pode realizá-los de maneira autônoma, desenvolvem consciência corporal, movimentos harmônicos e segurança afetiva. (MALKO E RODRIGUES, 2022)

A especialista em Educação Infantil, Suzana Macedo Soares, desde 2011, dedica-se à abordagem Pikler. Em seu livro “Vínculo, Movimento e Autonomia - educação até 3 anos”, ela traz algo interessante sobre o movimento das crianças. Em uma de suas oficinas de movimento lúdico, tendo como inspiração o instituto Lóczy, de Budapeste, Suzana observa como um espaço cuidadosamente organizado e as relações do bebê e da criança com o mundo ao seu redor e o outro influenciam nesse movimento.

Figura 3

Figura 4



Fonte: Escola Tecer, grupo Casulo, 2023.

Fonte: Escola Tecer, grupo Casulo, 2023.

Nas figuras 3 e 4, observamos um espaço previamente organizado para convidar um grupo de crianças entre 1 ano e 10 meses e 2 anos a um brincar simbólico com carros.

Segundo SANTOS & CORREA (2021, p. 4): “O professor precisa ter um olhar pedagógico ao observar as crianças durante a brincadeira aleatória, pois ao brincar a criança estimula várias funções motoras e cognitivas como: personalidade, afetividade, motricidade, inteligência, lateralidade, sociabilidade, criatividade, dentre outras, que se desenvolvem dentro do contexto do livre brincar.

Diante disto, é nesse local do brincar livre que a criança vai vivenciar diversas situações em relação a interação com o espaço e com o outro, sendo-as extremamente importantes para o seu desenvolvimento. Essas propostas só evidenciavam as bases da pesquisa de Emmi Pikler: as crianças poderiam movimentar-se livremente, através de uma atividade autônoma. (SOARES, 2017)

De acordo com Feder (2014, p. 6): “A atividade autônoma é uma necessidade, desde a mais tenra idade”, ou seja, na vida intrauterina e após nascimento já existe uma grande necessidade de ação e movimento por parte do bebê.

“O bebê, pelo que faz na direção de seus movimentos e na aquisição de experiências sobre ele mesmo e sobre o seu entorno – sempre a partir do que consegue fazer – é capaz de agir adequadamente e de aprender de maneira independente. Para o desenvolvimento da independência e da autonomia da criança, é necessário – além da relação de segurança – que ela tenha a experiência de competência pelos seus atos independentes.” (FALK, 2004, p. 31)

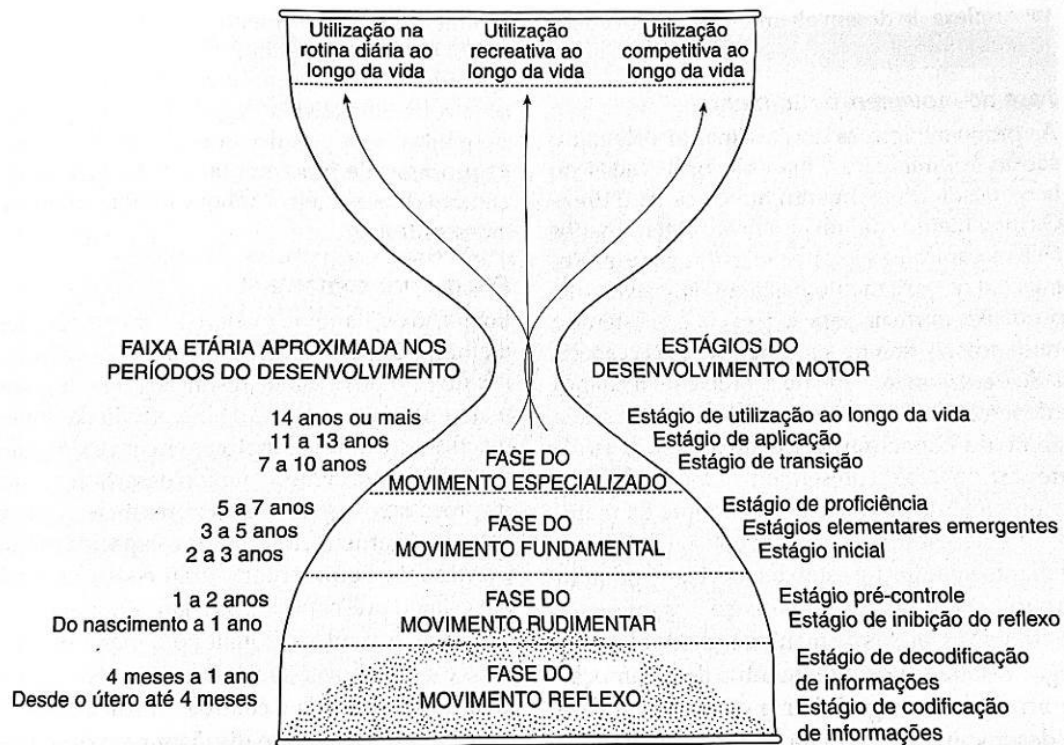
Deste modo, Pikler defendia que esse desenvolvimento da motricidade livre ocorreria de forma espontânea, uma vez que não houvesse nenhum impedimento biológico, por meio de uma relação segura com o espaço e com o adulto de referência. Todo e qualquer movimento que o bebê deseje realizar, é uma atividade autônoma, que traz satisfação a si próprio. Assim, através da harmonia dos gestos, concentração e destreza em seus movimentos, e como já dito, alegria pela troca com o adulto referência, é despertado no bebê o desejo inato de conhecer o mundo ao seu redor, gerando um alinhamento entre o desenvolvimento motor, cognitivo e afetivo, que são elementos indissociáveis e igualmente importantes considerando as dimensões do ser humano.

David Gallahue: O DESENVOLVIMENTO MOTOR DO BEBÊ

Para Gallahue; Ozmun & Goodway (2013, p. 33): “Desenvolvimento motor é a mudança contínua no comportamento motor ao longo do ciclo da vida.” Portanto, entende-se que o desenvolvimento motor é um processo a ser observado e estudado desde a infância até a velhice, em prol de entender as condições biológicas, ambientais e da tarefa no ser humano. Já nas condições de produto, para os autores, é necessário observar e analisar as mudanças no desenvolvimento motor relacionados a idade.

Segundo esses autores, o desenvolvimento motor está dividido em 4 fases: motora reflexiva (vida intrauterina até o primeiro ano de vida); motora rudimentar (do nascimento até os 2 anos); motora fundamental (dos 3 aos 7 anos); e motora especializada (dos 7 aos 14 anos).

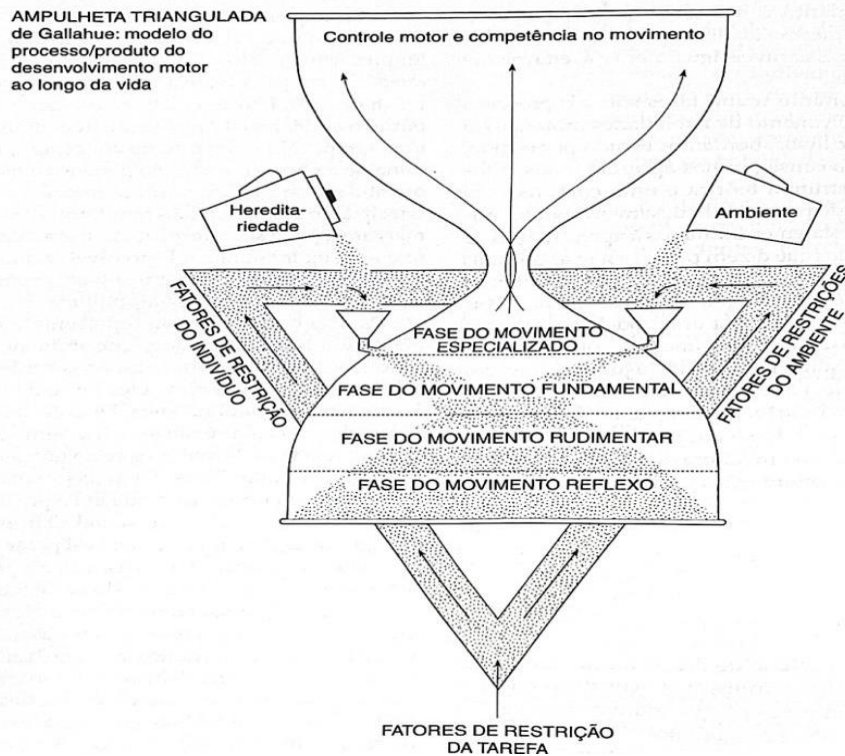
Figura 5



Fases e estágios do desenvolvimento motor. Fonte: Gallahue; Ozmun & Goodway (2013, p. 69).

Na figura 5, observa-se o modelo teórico criado por Gallahue e Ozmun, conhecido como ampulheta do desenvolvimento motor. A ampulheta serve para ilustrar as fases deste desenvolvimento e os encontros entre as faixas etárias dentro das fases do desenvolvimento do ser humano e os estágios do desenvolvimento motor. Vale ressaltar que, para Gallahue, o ritmo de desenvolvimento infantil pode variar, uma vez que existe uma série de fatores, como a biologia do indivíduo e questões ambientais, que trazem variações nas taxas do desenvolvimento motor (Gallahue; Ozmun; Goodway (2013)).

Figura 6



Ampulheta triangulada de Gallahue: modelo de processo/produto do desenvolvimento motor ao longo da vida. Fonte: Gallahue; Ozmun & Goodway (2013, p. 76).

De acordo com Gallahue; Ozmun & Goodway (2013, p. 75): “O modelo da ampulheta triangulada é um instrumento heurístico útil à conceituação, descrição e explicação do processo do desenvolvimento motor.”

Na figura 6, a ampulheta representa o produto do desenvolvimento, contendo informações importantes sobre as mudanças das fases de acordo com faixa etária. Já o triângulo invertido, representa o processo, no qual contém os fatores de restrição, sendo: os fatores do indivíduo, fatores do ambiente e fatores das tarefas físicas, que influenciam de forma isolada e conjunta o desenvolvimento motor. Na ampulheta, a areia significa a vida do indivíduo. Na chaleira da hereditariedade observa-se uma tampa, a qual significa que os fatores hereditários influenciam só até certo ponto do desenvolvimento, uma vez que existem fatores genéticos, como por exemplo, a altura máxima de um indivíduo, a serem considerados. Entretanto, a chaleira do ambiente não tem tampa, o que significa que o ambiente é um fator de interferência que pode ocorrer o tempo todo. Um exemplo disso é quando uma mulher fica grávida e ocorrem todas as mudanças em seu corpo, ela precisa aprender a viver no ambiente com o seu novo corpo, sendo assim, os fatores ambientais não têm limites, enquanto a hereditariedade tem um limite.

Nos fatores do indivíduo, observa-se heranças genéticas e fatores biológicos, que comprometem o desenvolvimento motor, tais doenças genéticas, como a síndrome de down (fraqueza e diminuição do tônus muscular), distrofia muscular de Duchene (enfraquecimento dos músculos), fenilcetonúria (compromete algumas funções do cérebro), etc. Ademais, vacinas atrasadas também podem comprometer o desenvolvimento motor da criança, uma vez que a falta de imunização pode levar as crianças a adquirirem algumas doenças. (Delgado et al. 2020)

Além disso, nos fatores do ambiente, os autores descrevem as relações dos pais com os bebês e os laços da infância, como causadores dos efeitos comportamentais do bebê. Para Gallahue; Ozmun & Goodway (2013, p. 89): “a interação recíproca entre os pais e os filhos afeta tanto o ritmo como a extensão do desenvolvimento”, uma vez que o vínculo afetivo vai predizer sobre a formação do caráter ao longo da infância e o seu desenvolvimento nos aspectos físicos, cognitivos e motores. Em comparação com a abordagem pikleriana, transportando essa relação de pais com os bebês para uma relação de educador e bebê, o laço afetivo serve para sustentar as bases cognitivas, emocionais, motoras, sociais e éticas da criança. Vale salientar que o afeto, para os teóricos estudados nesta pesquisa, vai muito além de carinhos e beijos, o afeto remete ao acolhimento da criança.

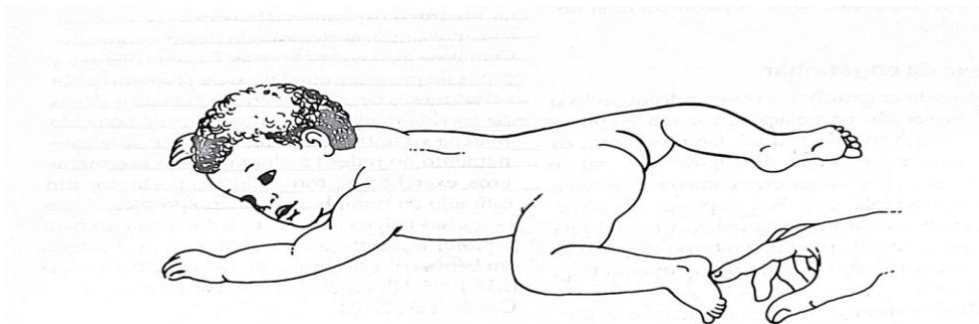
Acrescentando a isso, nos fatores das tarefas físicas, examina-se a classe social, a etnia e a cultura no qual o bebê está inserido. De acordo com Gallahue; Ozmun & Goodway (2013, 92): “a prematuridade coloca o recém-nascido em risco e, com frequência, dificulta o processo de desenvolvimento motor.” Conseqüentemente, na prematuridade, existe o risco de o bebê nascer com problemas respiratórios e alimentares, uma vez que alguns órgãos, como o pulmão, que é o último a ser desenvolvido, ainda estão em subdesenvolvimento. Além do mais, a alimentação também é um fator que influencia diretamente no desenvolvimento motor, uma vez que, crianças malnutridas não recebem os nutrientes necessários para sustentar aquele período de sua vida e podem ser acometidas por doenças, como anemia, raquitismo, diabetes, etc., ou em casos mais extremos, por mortalidade.

Na fase do movimento reflexo, a qual ocorre desde a vida intrauterina até o primeiro ano de vida, os primeiros movimentos do bebê serão reflexos, geralmente,

uma resposta aos estímulos externos. Esses reflexos são divididos entre os reflexos primitivos e os reflexos posturais.

Segundo Gallahue; Ozmun & Goodway (2013, p. 68): “Os reflexos primitivos são classificados como resposta de coletas de informação, de busca de nutrição e proteção”. Nesta fase, os movimentos do bebê buscam por sobrevivência, uma condição fisiológica, como alimentar-se, promove o movimento reflexo de busca e sucção. Ao ter sua boca colocada perto do seio da mãe, o bebê começa o reflexo de busca, virando sua cabeça. Quando o seio da mãe toca o céu da boca do bebê, automaticamente, ele começa a mamar. Outrossim, são os reflexos posturais, que remetem aos movimentos corporais do bebê. Observa-se, na figura abaixo, o movimento reflexo postural de engatinhar:

Figura 7



Reflexo de engatinhar. Fonte: Gallahue; Ozmun & Goodway (2013, p. 150)

De acordo com Gallahue; Ozman & Goodway (2013, p. 149): O reflexo de engatinhar é observado quando o bebê é colocado na posição pronada e aplica-se pressão à sola do seu pé.” Embora possa parecer que a partir desse reflexo, o bebê vá começar a engatinhar, é importante salientar que essa reação ocorre quando o pé do bebê é pressionado e isso gera um retorno, entretanto, é um engatinhar reflexo e não voluntário, que desaparecerá por volta do terceiro e quarto mês.

Em resumo, tanto a fase do movimento reflexo primitivo quanto a fase do movimento reflexo postural são de suma importância para o desenvolvimento do bebê. A ausência desses reflexos pode indicar alguma disfunção neurológica que precisará ser investigada pelos médicos. Do período fetal ao quarto mês, começa o estágio de codificação de informações. Neste estágio, os bebês coletam informações sobre os movimentos reflexos que realizam. Então, a partir do quarto mês, inicia-se o estágio

de decodificação de informações. Segundo Gallahue, é nesta fase que alguns movimentos reflexos devem desaparecer. Agora, a atividade perceptiva-motora se torna predominante, uma vez que o bebê começa a realizar movimentos voluntários, a partir das informações armazenadas desde o estágio de codificação. (GALLAHUE; OZMUN & GOODWAY, 2013).

Na fase do movimento rudimentar, os movimentos são voluntários. De acordo com os autores, as condições biológicas e ambientais influenciam diretamente no surgimento dessas capacidades. Durante este processo, inicia-se o estágio de inibição reflexo.

Segundo Gallahue; Ozmun & Goodway (2013, p. 70): “...os movimentos começam a ser influenciados cada vez mais pelo córtex em desenvolvimento. O desenvolvimento do córtex e o abrandamento de determinadas restrições ambientais fazem com que vários reflexos sejam inibidos e aos poucos desapareçam.”

Embora exista a inibição de alguns movimentos, ainda é difícil entender qual movimento está sendo reflexo ou voluntário, pois o bebê, ainda que esteja realizando um movimento voluntário, realiza movimentos sem destreza. É no estágio pré-controle que o bebê passa a realizar esses movimentos com mais destreza, a partir do desenvolvimento cognitivo e motor. As habilidades motoras fundamentais, como movimentos de estabilidade, manipulação e locomoção estão presentes nesta fase.

Para Gallahue; Ozmun & Goodway (2013, p. 159): “A estabilidade é a mais básica das três categorias de movimento, pois todo movimento voluntário envolve um elemento de estabilidade.” Diante disto, observa-se que é na estabilidade, que o bebê tem o desejo de manter-se ereto, ao sentar-se e ficar de pé. Para que o bebê consiga atingir as posturas de estabilidade esperadas, é preciso que o mesmo passe da posição deitado para posição sentado e depois, para posição em pé, de maneira autônoma. Colocar o bebê na posição que ele ainda não adquiriu sozinho, como ficar de pé, pulando a etapa do se sentar, será extremamente prejudicial ao seu desenvolvimento. Veja a seguir a tabela de capacidades de estabilidade rudimentar, desenvolvida por Gallahue:

Figura 8

Tarefas de estabilidade	Capacidades específicas	Idade de surgimento aproximada
Controle da cabeça e do pescoço	Vira para um lado	Nascimento
	Vira para ambos os lados	1 semana
	Mantém com apoio	Primeiro mês
	Tira o queixo da superfície de contato	Segundo mês
	Controla bem a posição pronada	Terceiro mês
Controle do tronco	Controla bem a posição supinada	Quinto mês
	Levanta a cabeça e o peito	Segundo mês
	Tenta mudar da posição supinada para a pronada	Terceiro mês
	Consegue rolar da posição supinada para a pronada	Sexto mês
Sentado	Rola da posição pronada para a supinada	Oitavo mês
	Senta com apoio	Terceiro mês
	Senta com autoapoio	Sexto mês
	Senta sozinho	Oitavo mês
De pé	Fica de pé com apoio	Sexto mês
	Sustenta-se com apoio das mãos	Décimo mês
	Empurra na posição de pé com apoio	Décimo primeiro mês
	Fica de pé sozinho	Décimo segundo mês

Sequência desenvolvimental e idade aproximada de surgimento de capacidades de estabilidade rudimentar. Fonte: Gallahue; Ozmun & Goodway (2013, p. 160)

Ao examinar a tabela da figura 8, entende-se, juntamente aos autores, que, de maneira que ocorra um alcance dessa estabilidade, é preciso que, primeiramente, o bebê desenvolva o controle da cabeça e do pescoço, entre o nascimento e o quinto mês. Enquanto está adquirindo essa tarefa da estabilidade, o bebê também inicia outra tarefa referente a estabilidade, o controle do seu tronco, indo até o oitavo mês.

Após isso, começa as tentativas de sentar-se, para depois colocar-se de pé. Nesta etapa, é válido salientar que colocar o bebê sentado com apoio não é uma forma adequada de fazê-lo aprender a se sentar, uma vez que ele não sabe como chegou naquela posição e não saberá sair, podendo cair para os lados ou para frente. Aqui, faz-se uma ligação com a abordagem de Emmi Pikler, uma vez que ela entende que se o bebê pesquisar e aprender sozinho sobre o seu corpo e os movimentos que pode realizar, será capaz de alcançar novas posturas sem a interferência de um adulto.

Na etapa a seguir, quando consegue atingir certo controle do seu músculo, o bebê passa a colocar-se de pé com o apoio das mãos em algum objeto. Aos poucos, vai testando seu equilíbrio, ao tentar-se manter de pé sem aquele apoio, até que, depois de muitas tentativas, começa a sair da posição deitada ou sentada para posição de pé, sem apoio. (GALLAHUE; OZMUN & GOODWAY, 2013)

A segunda habilidade motora desenvolvida pelo bebê será a locomoção. De acordo com Gallahue; Ozmun & Goodway (2013, p. 162): “O movimento do bebê no espaço depende das capacidades emergentes de lidar com a força da gravidade.”. E

é por isto, que a habilidade motora de locomoção é dependente da habilidade motora de estabilidade, uma vez que se entende, junto com os autores, que é na estabilidade que os bebês começam uma luta constante contra a gravidade para conseguirem atingir determinadas posturas. Observa-se a seguir a tabela de capacidades locomotoras rudimentares:

Figura 9

Tarefas de locomoção	Capacidades específicas	Idade de surgimento aproximada
Movimentos horizontais	Rastejar sentado	Terceiro mês
	Rastejar	Sexto mês
	Engatinhar	Nono mês
	Andar de quatro	Décimo primeiro mês
Marcha ereta	Andar com apoio	Sexto mês
	Andar com alguém segurando as mãos	Décimo mês
	Andar com a condução de alguém	Décimo primeiro mês
	Andar sozinho (mãos para cima)	Décimo segundo mês
	Andar sozinho (mãos para baixo)	Décimo terceiro mês

Sequência desenvolvimental e idade aproximada de surgimento de capacidades de locomotoras rudimentares. Fonte: Gallahue; Ozmun & Goodway (2013, p. 162)

De acordo com os autores, é a partir da locomoção que os bebês passam a explorar o mundo de uma forma mais extensiva, pois agora ele começa a se movimentar pelo espaço. A primeira tarefa de locomoção serão os movimentos horizontais, que se compõem por rastejar, engatinhar e andar de quatro. O bebê começa a tirar a cabeça e o peito do chão e os braços estendidos para frente fornecem a força para que ele consiga arrastar-se para frente. Nesta fase, os bebês não usam as pernas, em decorrência disso, após o rastejar, o bebê começa a engatinhar. Agora, as pernas são essenciais para o alcance dessa nova postura. Os movimentos alternam entre os braços e as pernas, conforme o bebê vai testando esse movimento, consegue realizá-lo com cada vez mais destreza e rapidez.

A segunda tarefa da locomoção é a marcha ereta, essa tarefa é totalmente dependente da estabilidade, uma vez que o bebê já precisa colocar-se de pé para realizá-la. É nesta tarefa que, inicialmente, os bebês começam a andar com apoio até que se desafiam a andar sozinho com as mãos para cima, em busca de manter a estabilidade de seu corpo e, depois, com as mãos para baixo. (GALLAHUE; OZMUN & GOODWAY, 2013)

Segundo Gallahue; Ozmun & Goodway (2013, p. 163): “Fatores ambientais adicionais, como o estímulo e a assistência dos pais e a disponibilidade de móveis para se apoiar, podem contribuir para o momento de surgimento do andar independente.” Aqui, observa-se um paralelo das fundamentações teóricas de Gallahue com a abordagem de Emmi Pikler: ao dizer que os estímulos e a assistência dos pais podem contribuir no surgimento do andar, a relação recíproca que Pikler defende, se faz presente.

Para Pikler, era extremamente importante que houvesse uma troca entre os bebês e os adultos, para que eles conseguissem movimentar-se livremente, de uma forma autônoma e segura. É necessário incluir as crianças nos processos, através dos diálogos e das trocas, para que elas possam sentir-se pertencentes naquela atividade. Além disso, quando ela menciona sobre os espaços previamente organizados, faz-se um questionamento sobre como organizar esses espaços, não somente com os brinquedos adequados a cada faixa etária, mas com mobiliários seguros que possam auxiliar no desenvolvimento motor do bebê. A luz da abordagem de Emmi Pikler, foram criados móveis chamados de: túnel Pikler, barco de balanço, triângulo Pikler, gangorra Pikler e rampa Pikler.

Figura 10

Figura 11



Fonte: Escola Tecer, grupo casulo, 2023.



Fonte: Escola Tecer, grupo casulo, 2023.

Figura 12

Figura 13



Fonte: Escola Tecer, grupo casulo, 2023.



Fonte: Escola Tecer, grupo casulo, 2023.

Nas figuras 10 e 11, observa-se um bebê, de 10 meses, utilizando o túnel Pikler como um mobiliário de apoio para colocar-se de pé. Naquele momento, este bebê estava começando suas pesquisas sobre o andar com apoio e os móveis na sala referência serviam como base para sua pesquisa. Já nas figuras 12 e 13, observamos

um outro bebê, de 1 ano e 4 meses, que já andava, mas estava utilizando o triângulo Pikler como um mobiliário de apoio que o auxiliasse em suas pesquisas sobre força física e equilíbrio. Portanto, existe uma conexão coerente entre os autores que são inspirações nesta revisão bibliográfica.

Na habilidade motora de manipulação, observa-se um desenvolvimento do bebê em relação aos estágios de alcançar, pegar e soltar. É nesta fase que o bebê começa a se relacionar com um objeto, aplicando força sobre ele ou recebendo a força do objeto.

Figura 14

Tarefas de manipulação	Capacidades específicas	Idade de surgimento aproximada
Alcançar	Alcançar globular não efetivo	Primeiro ao terceiro mês
	Alcançar com captura definida	Quarto mês
	Alcançar controlado	Sexto mês
Preensão	Preensão reflexa	Nascimento
	Preensão voluntária	Terceiro mês
	Preensão palmar com as duas mãos	Terceiro mês
	Preensão palmar com uma das mãos	Quinto mês
	Preensão de pinça	Nono mês
	Preensão controlada	Décimo quarto mês
	Comer sem assistência	Décimo oitavo mês
Soltar	Soltar básico	Décimo segundo ao décimo quarto mês
	Soltar controlado	Décimo oitavo mês

Sequência desenvolvimental e idade aproximada de surgimento de capacidades manipulativas rudimentares. Fonte: Gallahue; Ozmun & Goodway (2013, p. 165)

Na tabela ilustrada da figura 14, observa-se as tarefas de manipulação e as capacidades específicas relacionadas a idade de surgimento aproximada de cada uma. De acordo com Gallahue; Ozmun & Goodway (2013), no alcançar, inicialmente, os bebês fazem movimentos desorganizados, embora possam estar concentrados no objeto. Somente a partir do quarto mês, começam a fazer ajustes em relação a suas mãos e o objeto, a fim de alcançá-lo. Com o tempo, depois de refinar esses movimentos, essa tarefa é conquistada e o bebê passa a realizá-la com maior destreza.

A tarefa da preensão, inicialmente, faz parte dos movimentos reflexos. A partir do quinto mês, o bebê começa a entrar em contato com o objeto e, após isso, passa a utilizar as mãos e os dedos de forma mais refinada para pegar os objetos. Entretanto, só a partir do nono mês, o bebê passa a utilizar os dedos indicadores para

isso. Na reta final desse processo, os bebês já fazem a tarefa de preensão de forma refinada, organizada e com maestria. (GALLAHUE; OZMUN & GOODWAY, 2013)

Vale salientar que os formatos e pesos do objeto influenciam na tarefa de preensão e, como Pikler defende, é necessário oferecer brinquedos adequados à cada faixa etária, para que o bebê não se sinta incapaz de realizar algo, ainda que essa algo não esteja dentro do seu alcance.

Na tarefa do soltar, observa-se um soltar básico e um soltar controlado. No soltar básico, o bebê ainda não adquiriu a capacidade de comandar os músculos para soltar o objeto, o que pode causar irritabilidade em alguns momentos. Somente a partir do décimo quarto mês, a criança passa a comandar os músculos que promovem esse movimento do soltar o objeto da maneira que desejam e, ao décimo oitavo mês, alcança a capacidade específica do soltar controlado. (GALLAHUE; OZMUN & GOODWAY, 2013)

Desta maneira, é extremamente importante fornecer aos bebês um ambiente rico de oportunidades, para que eles possam se desenvolver. Para Pikler, se o bebê aprender de maneira independente, por meio de suas pesquisas e seus atos, ele age de forma adequada a cada aquisição de um movimento. A oportunidade de desenvolverem as habilidades motoras de estabilidade, locomoção e manipulação, por meio de uma relação recíproca entre os educadores de berçário e os bebês, através dos vínculos e laços presentes na infância, por meio de ambientes organizados com materiais previamente selecionados, pela oportunidade de se movimentarem e interagirem com um ambiente educador, são a base para um desenvolvimento sadio e seguro.

A AFETIVIDADE NA RELAÇÃO DO BEBÊ COM O EDUCADOR DE REFERÊNCIA

Emmi Pikler estava confiante de que suas pesquisas em relação ao movimento livre e vínculo afetivo estavam certas. Durante seu tempo de trabalho como pediatra, passou a observar os bebês na presença das mães e pedia para que as mães registrassem as mudanças observadas em seus bebês, durante o espaçamento entre as consultas. Quando passou a dirigir o abrigo para as crianças órfãs da Segunda Guerra Mundial, Pikler notou uma mecanização no cuidado com as crianças, onde

elas não tinham voz e nem desejos, eram colocados a fazer aquilo que os cuidadores quisessem. Durante os momentos de cuidados, não havia diálogo, as crianças não eram ouvidas e isto ia contra o que Emmi Pikler defendia, então, dando seriedade ao seu trabalho, ela optou por substituir toda a equipe de cuidadores do abrigo. Dessa vez, não mais como cuidadores, Pikler passou a contratar educadores que, antes de atuarem diretamente com as crianças, passavam por um curso de formação, para conhecerem a abordagem e a importância do afeto nas relações com as crianças. A partir disso, o educador poderia começar a cuidar de uma criança, se tornando uma referência para ela, sendo supervisionado a todo momento. (SOARES, 2017)

Durante um tempo, Pikler passou a observar que a relação afetiva gerava um diálogo tônico entre o bebê e o adulto. Nas figuras abaixo, observa-se a jornada de um bebê de 1 ano e 4 meses, em uma creche inspirada na abordagem pikleriana, sendo nutrido por sua educadora de referência nos momentos de cuidado e depois brincando livremente, sem interferência do adulto.

Figura 15



Fonte: Escola Tecer, grupo casulo, 2022.

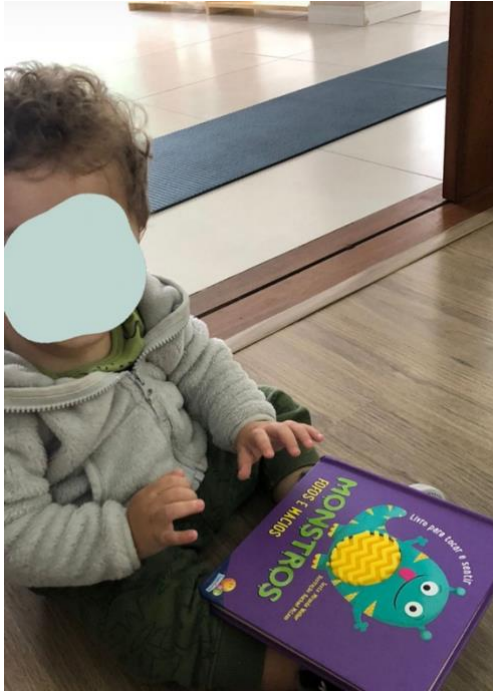
Figura 17

Figura 16



Fonte: Escola Tecer, grupo casulo, 2022.

Figura 18



Fonte: Escola Tecer, grupo casulo, 2022.



Fonte: Escola Tecer, grupo casulo, 2022.

O bebê ainda não sabia falar, mas o seu corpo respondia. Quando o adulto comunicava sua intencionalidade ao bebê num dado momento, como por exemplo: “Posso trocar a sua fralda?”, o gesto respondia que sim ou não.

Segundo Cunha, Santana e Brito (2022, p. 9): “A partir do momento que o adulto enxerga o bebê como um sujeito relacionável, ativo e colaborador, essas atividades passam a ser compartilhadas e percebidas pelo bebê de maneira diferente, que deixa de ter um papel passivo e torna-se participativo.”

De modo que o adulto enchia a criança de sua presença naquele momento e, então, quando acabasse, o bebê se sentiria seguro para brincar e movimentar-se livremente. Era difícil saber em qual momento o bebê passava, de fato, a entender o adulto, mas, algo era certo: era nesse relacionamento recíproco, que o bebê iria se inserindo e apropriando-se da linguagem com o outro. (SOARES, 2017)

De acordo com Barbosa (2009, p. 95): “As refeições, as trocas de fralda, o banho e a hora de vestir as crianças são os melhores momentos para estar junto a elas. Não significa fazer para elas, mas fazer junto, de forma colaborativa, pois, ao realizar essas primeiras ações na creche, a professora assegura a confiança, estabelece um diálogo corporal, constrói um olhar e uma escuta. Para tanto, é preciso não ter pressa, levar em conta as reações das crianças e a sua participação para que, nesses momentos, venham a desenvolver tanto o pensamento quanto hábitos saudáveis.

Ademais, Pikler entendia que o interesse do adulto no bebê o ajudaria em seu desenvolvimento. Era necessário que o adulto pudesse estar inteiro para aquele bebê, acolhendo os seus desejos e os ajudando quando houvesse necessidade. Pikler também falava sobre os movimentos delicados ao tocar na criança: mãos leves, olhar atento, voz mansa e uma escuta sensível aos gestos dos bebês, poderiam promover um vínculo de confiança. É como se na cabeça do bebê passasse uma frase: “Eu quero testar. O meu educador de referência está me vendo, então, eu consigo.”. E assim, um vínculo afetivo e seguro ia sendo construído. (SOARES, 2017)

De acordo com Soares (2017, p. 19): “O passar dos anos comprovou a eficácia dessa abordagem baseada na relação afetiva e na liberdade de movimentos, por promover bem-estar físico, afetivo e psíquico nas crianças. Elas não apresentavam sinais de hospitalismo, como apatia, falta de interesse pelo mundo exterior e atrasos no desenvolvimento afetivo, intelectual ou motor que muitas vezes ocorrem, em consequência de internamento prolongado em hospitais ou abrigos, quando não são construídos vínculos afetivos adequados.”

Portanto, entende-se com a autora, que a relação afetiva na primeira infância será a base para um desenvolvimento seguro e saudável. É de suma importância que a criança se sinta acolhida, respeitada e um ser ativo dentro das relações com o educador de referência.

O APEGO NAS RELAÇÕES QUE PREDIZEM A INFÂNCIA

Para Janet Belsky (2010), o apego prediz a infância até a vida adulta. Após o contexto da Segunda Guerra Mundial, Edward John Mostyn Bowlby (Londres, 26 de fevereiro de 1907 — Ilha de Skye, 2 de setembro de 1990), mais conhecido como John Bowlby, observou algo interessante no comportamento das crianças órfãs daquela época. Ele observou problemas comportamentais nas crianças e definiu-os como uma “privação materna”. Segundo Silva (2022, p. 36): “a referida teoria de Bowlby aponta que a saúde mental da criança depende diretamente de uma relação recíproca de amor, de carinho e intimidade com a mãe (ou quem exerce a função materna)”. Ele estava certo de que a separação precoce dos pais, causaria neles uma dificuldade em desenvolver-se social, emocional e cognitivamente. Com isso, ele criou a Teoria do Apego, identificando padrões comportamentais que surgiriam na vida adulta daquelas crianças. Enquanto Bowlby trazia os comportamentos negativos

causados pela privação materna, no mesmo contexto, Emmi Pikler dava importância ao afeto nas relações que os educadores deveriam construir com aquelas crianças para que não se tornassem adultos frustrados.

Bowlby chegou a definir alguns marcos no desenvolvimento do apego, sendo eles: a fase do pré apego, que acontece por volta dos três primeiros meses e o bebê não demonstra sinais de apego. O sorriso social, que é um riso genuíno por parte do bebê quando está com a figura a qual é apegado. A formação do apego, a partir dos quatro meses, quando o bebê começa a demonstrar uma preferência por sua figura de apego ou se sente feliz em ser aclamado por outras figuras, como amigos e familiares. A fase do apego definido, em torno dos sete ou oito meses, que vai se caracterizando pela necessidade de ter sua figura de apego por perto, entrando na ansiedade de separação, que percorre até os dois anos e meio. O bebê se sente mal pela partida da sua figura de apego e começa a desenvolver uma ansiedade ante estranhos, impedindo qualquer pessoa de invadir o seu espaço. Talvez na fase do pré apego até o apego definido, aquele bebê não se importasse que qualquer outro adulto estivesse perto dela.

No livro “Desenvolvimento Humano - Experienciando o Ciclo da Vida” de Janet Belsky, a autoria evidência os estilos de apego identificados por John Bowlby.

1. O APEGO SEGURO:

Belsky (2010, p. 140) vai dizer que: “Crianças seguramente apegadas usam a mãe como base segura, ou âncora, para arriscar-se confiantemente na exploração dos brinquedos. Quando ela sai, elas podem ficar altamente perturbadas ou não.”. No apego seguro, existe um equilíbrio entre: necessidade de explorar o meio ambiente de maneira segura e o apego aos seus cuidadores. O mais importante para aquela criança é que o cuidador volte e, quando ele voltar, a criança o receberá com brilhos nos olhos pois dentro desse apego seguro, está emocionalmente estruturado.

2. O APEGO EVITANTE:

Belsky (2010, p. 140) descreve os bebês com apego evitante como: “...excessivamente desinteressados”, eles não se importam quando sua figura de apego retorna à presença deles, na verdade, para eles, manter a distância da sua

figura de apego é comum. Quando se tornam crianças, tem dificuldades de se expressar e permanecem de forma evitativa, tomando para si que são insignificantes.

3. O APEGO ANSIOSO-AMBIVALENTE:

Nesse aspecto do apego, os bebês são incapazes de se separar da sua figura de apego. Quando elas retornam, tendem a ter comportamentos que não demonstram alegria por tê-los de volta, como bater e chorar. Belsky (2010, p. 141) descreve que: “Muitas vezes são inconsoláveis, incapazes de serem confortados quando sua figura de apego retorna.”, é como se sentissem medo de serem abandonados e quando essa figura precisa se retirar, é esse sentimento que tomam para si: o abandono.

4. O APEGO DESORGANIZADO:

Belsky (2010, p. 141) vai citar que: “Crianças com apego desorganizado comportam-se de uma forma bizarra.” A criança não sabe como agir na presença dessa figura de apego, então começa a ter comportamentos incomuns, como: paralisia, medo, movimentos involuntários, posturas anormais e sinais de desorientação.

Para Bowlby, as relações de apego na infância vão servir como uma base interna para a maneira como nos relacionamos com o mundo. O vínculo afetivo e seguro na infância era fundamental e determinaria o desenvolvimento de relacionamentos saudáveis ao longo da vida. Portanto, o apego na infância prediz, em muitos aspectos, essas relações adultas. (BELSKY, 2010)

No início dos anos de 1970, pesquisadores da universidade de Minnesota, iniciam uma pesquisa com um grupo de mulheres gestantes de baixa renda. Eles acompanharam a vida dessas mães durante a vida intrauterina do feto até o nascimento e o seu crescimento, durante 30 anos. Embora os bebês, durante o primeiro ano de vida, tivessem sido descritos como seguramente apegados, alguns problemas ao longo de sua infância e adolescência, como: conflito entre os pais, problemas com álcool e drogas, abusos e depressões maternas, determinaram suas relações adultas Belsky (2010).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos fatos apresentados durante esta pesquisa, pudemos observar e estudar as relações entre as fundamentações teóricas de David L. Gallahue e abordagem de Emmi Pikler, de modo que o objetivo geral foi alcançado com êxito.

Ademais, utilizar a pesquisa bibliográfica, através do método qualitativo nos possibilitou esse alcance, uma vez que os dados e textos contidos nos livros e artigos, nos auxiliou na construção desta revisão bibliográfica.

Através deste trabalho, comprovamos que a afetividade serve para sustentar as bases motoras, físicas, cognitivas e sociais do bebê, por meio de uma relação segura, recíproca e respeitosa. Em suma, a interação com o outro e com o meio em que está inserido, proporcionará ao bebê fatores fundamentais ao seu desenvolvimento.

Vale salientar que, para os dois autores, os fatores do ambiente são considerados de suma importância, através de um espaço organizado para se tornar um ambiente educador, com mobiliários que estimulam o desenvolvimento do bebê e servem de apoio para o alcance de novas posturas corporais.

Portanto, considerando que a primeira infância é um momento de muitas descobertas e vivências significativas ao indivíduo, no contexto educador e bebê, conclui-se que o bebê precisa ser nutrido emocionalmente por esse educador de referência para que possa atingir um desenvolvimento saudável.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Carmem Silveira et al. **Práticas cotidianas na educação infantil–bases para a reflexão sobre as orientações curriculares**. Brasília: MEC, 2009

BRASIL. Ministério da educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/> Acesso em: 16 mar. 2023.

BELSKY, Janet. **Desenvolvimento humano – Experenciando o ciclo da vida**. São Paulo: Artmed editora, 2010.

CUNHA, Aline Vasconcelos da Santana.; BRITO, Fernando Souza.; GONÇALVES, Rodrigo. **O brincar livre, na perspectiva de Emmi Pikler, para o desenvolvimento de crianças na educação infantil.** 2022. Trabalho de conclusão de curso de graduação e especialização (Psicologia) – Repositório Universitário da Ânima (RUNA). Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/32400>. Acesso em: 10 set. 2023.

Delgado, Daiane Alves et al. **Avaliação do desenvolvimento motor infantil e sua associação com a vulnerabilidade social.** Fisioterapia e Pesquisa [online]. 2020, v. 27, n. 1 [Acessado 11 novembro 2023], pp. 48-56. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1809-2950/18047027012020>>. Epub 06 Abr. 2020. ISSN 2316-9117. <https://doi.org/10.1590/1809-2950/18047027012020>.

FALK, Judit. **Educar os três primeiros anos: a experiência de Lóczy.** Araraquara: JM Editora, 2004.

FEDER, Agnès Szanto. **Uma mirada adulta sobre el niño em acción - El sentido del movimiento em la protoinfancia.** Buenos Aires: Cinco, 2014.

GALLAHUE, D. L. & OZMUN, J. C. **Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos.** São Paulo: Phorte Editora, 2001.

GALLAHUE, D. L. & OZMUN, J. C & GOODWAY, Jaqueline D. **Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos.** Editora AMGH; 7ª edição, 2013.

MALKO, Thalita & Iglesia, Yara. (2022). **Educação de zero a três anos: contribuições de Emmi Pikler.** Cadernos Acadêmicos Unina. 2. 10.51399/cau.v2i2.164.

PRODANOV, Cleber Cristiano.; CESAR DE FREITAS, Ernani. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico (2ª ed.).** Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SOARES, Suzana Macedo. **Vínculo, movimento e autonomia educação até 3 anos.** São Paulo: Omnisciência, 2020 - 2ª edição.

PIZZANI, Luciana et al. **A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento. RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 10, n. 1, p. 53-66, 2012. PRODANOV, CC, & FREITAS, CE (2013).

SANTOS, M. A. G. N. dos.; CORREA, E. Ângela M. **REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA: O BRINCAR LIVRE NA EDUCAÇÃO INFANTIL.** Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, [S. l.], v. 7, n. 9, p. 945–964, 2021. DOI: 10.51891/rease.v7i9.2298. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/2298>. Acesso em: 10 set. 2023.

SILVA, Máira Teixeira da. Afetividade e desenvolvimento de bebês: **Um estudo bibliográfico sobre vínculos familiares e escolares.** 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022.